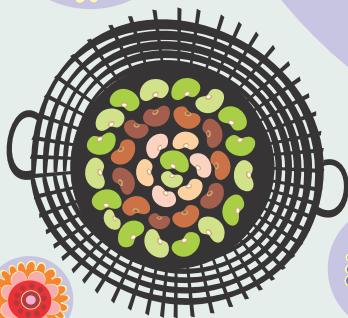
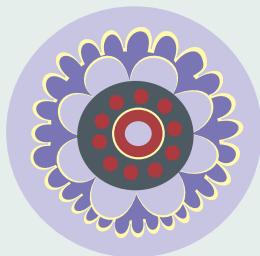


Fundo Rotativo Solidário



Fortalecendo
Comunidades

2ª Edição - 2020

**Publicação da Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3
Organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)**

Rua Emília Couto, 270B – Brotas
CEP: 40.285-030 – Salvador/BA.
Telefone: (71) 3357-1667
caritasne3@caritas.org.br
www.ne3.caritas.org.br
@caritasne3



Coordenação Colegiada:

Cátia Cardoso
José Jardel do Nascimento
Alan Lustosa

Conselho Consultivo:

Cléusa Alves da Silva, Jorge Gonçalves de Oliveira,
Raimundo de Jesus Santos, Sebastiana Tiburcio dos Santos de Sousa,
Davi Cravo Teles dos Santos e Robério Virgens Aires

Bispo Referencial:

Dom Valdemir Ferreira dos Santos

Expediente:

Textos: Amanda Santos, Marcus Fabricio, Morgana Damásio,
Valmirete da Silva, Gilmar Santos, José Jardel do Nascimento.

Fotos: Allan Lustosa, Gabriel Reis, Morgana Damásio

Revisão - 1º Edição: Iasmin Santana Barros

Revisão - 2ª Edição: Alfredo Baleeiro, Márcio Adriano Camargo e Gerinaldo Lima

Ilustrações e Diagramação: Gilmar Santos



Fundo Rotativo Solidário

Fortalecendo Comunidades

Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3

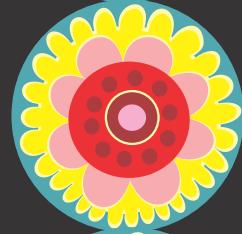
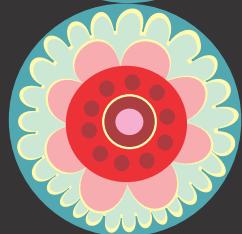
2ª Edição

2020



Sumário

Apresentação	06
<i>Missão, princípios e Áreas de Atuação da Cáritas Regional NE 3.....</i>	<i>07</i>
Memória da Economia Popular Solidária na Cáritas Regional NE 3: <i>Dos projetos Alternativos Comunitários (PACs) à Constituição das Redes de Economia Solidária.....</i>	<i>09</i>
Introdução.....	12
O que são Finanças Solidárias?.....	14
O que é Fundo Rotativo Solidário?.....	18
Como funciona?.....	20
Expediências de Fundos Rotativos:.....	22
<i>Tecendo histórias.....</i>	<i>23</i>
<i>Sementes da vida.....</i>	<i>26</i>
<i>Autogestão tem sabor de fruta.....</i>	<i>28</i>
<i>Pé de Serra.....</i>	<i>33</i>
<i>Flores.....</i>	<i>36</i>
<i>Frutos de fibra.....</i>	<i>39</i>
<i>A União faz a força.....</i>	<i>42</i>
<i>União das Artesãs do Nordeste de Amaralina (UANÁ): Um diálogo da Economia dos Setores Populares e Economia Solidária</i>	<i>44</i>
<i>Mulheres Organizadas: Um desejo, Nossa Ação.....</i>	<i>47</i>
Anexos.....	50
<i>Documento Norteador.....</i>	<i>51</i>
<i>Termo de Compromisso Solidário.....</i>	<i>55</i>
<i>Regimento Interno.....</i>	<i>56</i>



Apresentação

Os Fundos Rotativos Solidários constituem-se como uma metodologia de finanças solidárias que vem proporcionando autonomia dos sujeitos no acesso a renda e sendo um instrumento de fortalecimento comunitário. Nesse ano em que a Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3 celebra 30 anos, as ações de economia popular solidária vem fortalecendo comunidades da Bahia e Sergipe, considerando o protagonismo dos sujeitos e tendo como base a educação popular.

Enquanto parceira estratégica dessa construção está a Misereor, que, ao longo dos anos, vem apoiando a Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3 na consolidação dessa política, partindo de uma perspectiva integrante da rede Cáritas e percebendo os processos de articulação da sociedade civil e incidindo na construção de políticas públicas de Estado, considerando as múltiplas faces da Economia Solidária, enquanto projeto de sociedade do bem viver.

Apresentaremos, a história da ação da Cáritas Regional Nordeste 3 com Economia Popular Solidária, ao longo de 30 anos de vivências, histórias de vidas, lutas em uma interação de iniciativas locais e territoriais que visem construir um novo mundo. São mulheres, jovens, agricultores e agricultoras familiares, lideranças comunitárias apresentadas como sujeitos de direitos e expressando as relações de solidariedade construídas a partir da vivência prática.

Desejamos a todos e todas uma linda e inesquecível viagem!!!



Missão, princípios e áreas de atuação da Cáritas Regional NE 3

1. MISSÃO INSTITUCIONAL:

A Cáritas Regional Nordeste 3 tem a missão de testemunhar e anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, defendendo e promovendo toda forma de vida e, participando da construção solidária da sociedade do Bem Viver, sinal do Reino de Deus, junto com as pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

2. DIRETRIZ GERAL DA AÇÃO:

Construção solidária, sustentável e territorial de um projeto popular de sociedade democrática e de direitos.

3. PRINCÍPIOS:

1. Cáritas no coração da Igreja e na sociedade no serviço com os pobres;
2. Pastoralidade e transformação social;
3. Mística e espiritualidade libertadora, ecumênica e de diálogo inter-religioso;
4. Defesa e promoção da vida para a construção da sociedade do Bem Viver;
5. Protagonismo das pessoas em situação de vulnerabilidade, de risco e/ou exclusão social;
6. Cultura de solidariedade transformadora;
7. Relações de equidade étnico-raciais, de gênero e geração;
8. Projeto popular de sociedade justa, solidária e sustentável;
9. Democracia participativa e justiça socioambiental.

4. ORIENTAÇÕES ESTRATÉGICAS:

1. Promoção e fortalecimento de iniciativas locais e territoriais na construção da sociedade do Bem Viver.
2. Defesa e promoção de direitos, construção e controle das políticas públicas.
3. Organização, fortalecimento e sustentabilidade da Rede Cáritas.
4. Formação permanente do voluntariado.

5. ÁREAS DE ATUAÇÃO PRIORITÁRIAS DO REGIONAL NORDESTE 3 (2020-2022):

1. Convivência com os Biomas;
2. Economia Popular Solidária;
3. Mulheres e Equidade de Gênero;
4. Programa de Infância, Adolescência e Juventudes.



Memória da Economia Popular Solidária na Cáritas Regional NE 3: dos projetos Alternativos Comunitários (PACs) à Constituição das Redes de Economia Solidária

Ao longo dos 30 anos de caminhada da Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3, a Economia Popular Solidária (EPS) vem sendo considerada como um dos pilares estratégicos de iniciativas locais e territoriais para a construção da sociedade do bem viver. Iniciou-se a jornada por meio dos Projetos Alternativos Comunitários (PACs) onde, desde o início dos anos de 1980, as ações com foco no fortalecimento produtivo serviu como gesto concreto às necessidades de sobrevivência e organização de grupos e comunidades, sendo instrumento de promoção da justiça social, fortalecimento político-institucional, valorização das lutas populares e apoio às iniciativas locais de desenvolvimento comunitário, por meio do fortalecimento das estruturas comunitárias, produtivas e organizativas [1]. De fato, a organização comunitária, por meio dos PAC's, o papel da organização da classe trabalhadora na tomada das empresas nos anos de 1980 e a mobilização do povo no mundo rural para a formação dos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais veio a consolidar a chamada Economia Popular Solidária.

Com as mudanças no perfil da cooperação internacional, nos anos de 1990, que apoiava, por intermédio de doação de recursos, os fundos de apoio aos PACs, juntamente com o direcionamento das ações dos Regionais, incrementado a partir da gestão compartilhada, houve ações mais voltadas ao assessoramento técnico, valorizando a construção coletiva e a educação popular como pilares estratégicos. O Regional Nordeste 3 destacou-se na dinâmica de divulgação e estímulo à circulação e ao intercâmbio em rede de conhecimentos dos projetos, visando articular entidades parceiras, envolver instituições governamentais e influir nas políticas públicas [2].

[1] *20 anos de Economia Popular Solidária: Trajetória da Cáritas Brasileira dos PACs à EPS*. Bertucci, Ademar e Da Silva, Roberto (2003).

[2] *Ibidem*

Essa linha de ação, iniciada na época dos PACs, ainda é um elemento central da atuação do Regional Nordeste 3, principalmente na dinâmica de articulação dos movimentos sociais na construção da política de economia solidária nos Estados da Bahia e Sergipe, evidenciado, sobretudo no esforço coletivo de entidades de apoio e fomento, empreendimentos econômicos solidários e poder público, na criação do Fórum Baiano e Sergipano de Economia Solidária, nos anos de 2003 e 2004 respectivamente.

Outro elemento de destaque por parte do Regional Nordeste 3 está no desenvolvimento de programas e projetos, em articulação com o Estado, em seus diversos âmbitos de atuação. Destaca-se, ao longo dos anos, uma série de projetos dentre os quais: Projeto de Segurança Alimentar e Nutricional para Acampamentos e Pré-Assentamentos de Reforma Agrária do Semiárido dos Estados da Bahia e Sergipe (PSAN), iniciado no ano de 2006 e envolvendo diversos parceiros no âmbito dos Governos Federal e Estaduais (Bahia e Sergipe) e movimentos de luta pela terra[3]; projetos de fortalecimento de empreendimentos econômicos solidários, com apoio do Banco do Nordeste do Brasil, realizados nos anos de 2006 e em 2012[4]; Projeto Fortalecer as Finanças Solidárias no Estado da Bahia através da Consolidação de Metodologias de Constituição de Implementação e Gestão de FRS, construído a partir de uma parceria da sociedade civil com o Governo do Estado da Bahia, tendo seu processo de articulação iniciado no ano de 2009 e sua finalização no ano de 2015; Projeto de Apoio às Finanças Solidárias com Base na Organização de Fundos Solidários tendo o envolvimento da Rede Cáritas e financiado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária/ Ministério do Trabalho e Emprego, sendo executado entre os anos de 2014 e 2016 com a participação de grupos produtivos dos Estados da Bahia e Sergipe.

Esses projetos permitiram à Cáritas Regional Nordeste 3 se consolidar como entidade de apoio e fomento no desenvolvimento de ações da economia popular solidária com foco no avanço comunitário, na produção de alimentos saudáveis e na organização produtiva dos sujeitos, principalmente com processos formativos que vem promovendo o empoderamento político-econômico desses sujeitos.

[3] FETAG-BA; FETASE; CETA; MID; MST; Pastoral Rural.

[4] *Construindo caminhos de transformação, tendo por abrangência os Estados da Bahia e Sergipe.*

No decorrer dos anos, a Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3 vem cumprindo um papel de articuladora no fortalecimento da política pública de economia popular solidária e dinamizadora da metodologia de fundos rotativos solidários, sendo a metodologia de finanças solidárias como uma estratégia essencial de fortalecimento de acesso a recursos financeiros e não-financeiros, constituindo-se como eixo integrador das políticas públicas, principalmente àquelas que visam a construção de modelo de transformação da realidade baseado na sociedade do bem viver.

Com o direcionamento das políticas de desenvolvimento, tendo maior enfoque na financeirização da economia, partindo da excessiva mercantilização dos bens coletivos, principalmente a natureza; o enfraquecimento do papel do Estado na implementação de políticas públicas com gravíssimos retrocessos políticos-institucionais, faz-se necessário a retomada das articulações dos movimentos sociais, tendo como cerne a construção de um modelo de desenvolvimento que permeie a coletividade e a relação harmoniosa com a natureza.

As finanças solidárias constituem-se como instrumento de transformação da realidade dos sujeitos envolvidos com a economia popular solidária, por isso, é fundamental pensar na construção de um sistema de finanças solidárias que permita acesso ao crédito de forma apropriada com as necessidades dos grupos produtivos. A tentativa de se construir pontes com outras metodologias de finanças solidárias, como os bancos comunitários de desenvolvimento e o cooperativismo de crédito solidário, principalmente na articulação nos processos de comercialização nos espaços como feiras e pontos fixos, por meio das moedas sociais e o financiamento da produção a partir das cooperativas de crédito solidário podem contribuir para fortalecer a relação produção-comercialização. Esses processos partem das dinâmicas territoriais, sobretudo com o fortalecimento das cadeias produtivas com circuito curtos, dispondo da relação de proximidade entre os participantes das diversas cadeias produtivas como base.

A relação em redes colaborativas, tendo como processos centrais os princípios da solidariedade e as relações de colaboração, são primordiais para o fortalecimento da Economia Popular Solidária.



Introdução

“Peço licença seu moço, dona moça
Pra uma história lhe contar,
Não é de guerra, mas é de luta,
Luta pra comunidade se firmar”[5]

Desde muitos anos atrás ouvimos falar que nas comunidades é mutirão daqui, é mutirão de lá. É um povo que troca sementes, troca cereais, a partilha acontece e a comunidade se engrandece! E esse povo inteligente e solidário percebe que o mutirão pode contribuir de maneira constante com o desenvolvimento da comunidade, e do aperfeiçoamento dessa vivência, surgiram os Fundos Rotativos Solidários (FRS).

Na Bahia, os FRS têm história! Há muito tempo grupos em diversos territórios do Estado vivenciam a metodologia de Fundos Rotativos Solidários para subsidiar processos nas comunidades. Ao longo dos seus 30 anos, a Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3 vem cumprindo um papel de articuladora no fortalecimento da política pública de Economia Popular Solidária (ECOSOL) e dinamizadora da metodologia de FRS, sendo esta metodologia de finanças solidárias como uma estratégia essencial de fortalecimento de acesso a recursos financeiros e não-financeiros, constituindo-se como eixo integrador das políticas públicas, principalmente àquelas que visam a construção de modelo de desenvolvimento calcado na sociedade do bem viver e tendo o empoderamento político e econômico dos sujeitos.

[5] Parte da poesia construída numa das oficinas de sistematização. Autora: Enerilena da Associação Comunitária de Matarandiba/ BA.

Os Fundos Rotativos Solidários vem contribuindo para a construção de autonomia das comunidades populares, a partir de práticas que valorizem a autogestão comunitária e o fortalecimento da identidade dos sujeitos, sendo eles(as) quilombolas, indígenas, agricultores(as) familiares, artesãs, catadores(as) etc. A principal virtude dos fundos rotativos solidários está nos avanços da dinâmica do território como espaço de vida e construção.

Enquanto proposições de ações para o fortalecimento da ECOSOL como elemento de transformação da realidade, apontam-se a contribuição da metodologia dos Fundos Rotativos Solidários em fortalecer as dinâmicas do território, proporcionando uma maior autonomia inserida das comunidades, constituindo novas relações sociais pautadas na solidariedade e na confiança

A articulação com outras metodologias de finanças solidárias constitui-se como consequência das relações sociais comunitárias em um determinado território. Para tanto, como forma de fortalecimento das comunidades, considera-se como essencial o assessoramento técnico permanente e atividades formativas, de forma contextualizada com as diversas dinâmicas territoriais. Além disso, considera-se a integração das finanças solidárias com a comercialização, sendo essencial a organização de redes colaborativas que permitam maior troca de experiências e respeitando as potencialidades e limites dos sujeitos participantes.

Nesta 2ª Edição da Cartilha «*Fundos Rotativos Solidários - Fortalecendo Comunidades*» acrescentamos um texto sobre «*Finanças Solidárias*» a fim de ampliar os horizontes e possibilidades referentes a esse tema tão dinâmico e necessário para o fortalecimento da Economia Popular Solidária junto as comunidades.



O que são Finanças Solidárias?



Para iniciar esta conversa sobre Finanças Solidárias é importante nos perguntar: será que é possível termos instrumentos financeiros que permitam uma democratização das relações econômicas e que tenham ações pautadas pela ética e solidariedade?

O sistema financeiro, na perspectiva capitalista é excludente e se transforma num poderoso instrumento de concentração e centralização do capital, onde ao mesmo tempo em que exclui grande parcela da sociedade, coloca a culpa nas próprias pessoas (a maioria mulheres, pobres e negras) pelo fato de não terem acesso e pelo seu fracasso. Em pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2011, 73,4% das pessoas que não têm acesso a uma conta bancária acreditam que não possuem condições financeiras necessárias e nem atrativas para os bancos.

No entanto, embora as práticas sejam antigas, a política para as Finanças Solidárias foi considerada apenas no Plano Plurianual de 2004-2007. No Brasil, temos três principais instrumentos das Finanças Solidárias que são as Cooperativas de Crédito Solidário, os Bancos Comunitários de Desenvolvimento e os Fundos Solidários.

Uma Cooperativa de Crédito Solidário, é uma instituição financeira, formada por uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente e que formam uma sociedade cooperativa. Em poucas palavras, poderia se dizer que as cooperativas são sociedades de pessoas que se unem e decidem formar uma poupança em comum e recorrer a ela quando for necessário. Tem forma e natureza jurídica próprias, sendo constituída para prestar serviços a seus/suas associados/as. É a única prática de finanças solidárias que é regulamentada pelo Banco Central.

Os Bancos Comunitários são serviços financeiros solidários, em rede, de natureza associativa e comunitária. São voltados para a geração de trabalho e renda na perspectiva de reorganização das economias locais. Seu objetivo é promover o desenvolvimento de territórios de baixa renda, através do fomento à criação de redes locais de produção e consumo.

Fundos Solidários, se apresentam como a experiência mais diversa das Finanças Solidárias. Temos duas formas mais comuns de fundos Solidários: Fundos Solidários de Fomento e Fundos Rotativos Solidários. Conceitualmente, estas experiências incluem a gestão (cuidado, administração) coletiva de recursos monetários e não monetários que unem, além do financiamento, as iniciativas produtivas associativas e as ações de formação e organização participante ou a partir de recursos externos, popular, funcionando como processos político-pedagógicos de emancipação e organização comunitária.

Em outras palavras, poderia se dizer, que estas experiências são “poupanças” comunitárias informais geridas coletivamente para fortalecer as atividades econômicas exercidas por seus participantes. Moeda social é a moeda alternativa a moeda oficial da região, utilizada por um certo grupo. Sua finalidade se destina a transações econômicas com um determinado fim. Seu objetivo é gerar riqueza na determinada comunidade, já que é uma moeda local. A moeda social age como uma moeda complementar a moeda nacional, porém não a substitui.

O que fica evidente em todas estas experiências é que elas envolvem práticas de solidariedade e autogestão coletiva de recursos, onde as pessoas praticam ações para além do indivíduo, mas também pensam no/a outro/a de forma organizada, horizontal e transparente. O grande desafio colocado é, através da articulação em rede, fortalecer estas experiências, de forma a consolidar um grande movimento das finanças solidárias na Rede Cáritas e no Brasil.

José Jardel do Nascimento
Agente Cáritas – Regional NE 3 – Bahia/Sergipe

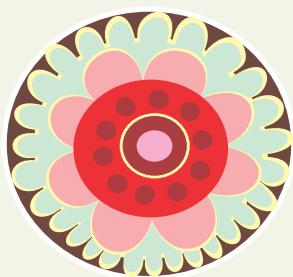
Fonte de Pesquisa:

Acevo da Cáritas Brasileira/O CAMP - Centro de Assessoria Multiprofissional.



Finanças Solidárias

Em versos



1 Diferente da lógica capitalista
Nas finanças solidárias
É a participação que se valoriza
O tiquinho de cada pessoa se multiplica
Num mutirão de solidariedade...

2 Finanças solidárias, na verdade
É gestão compartilhada
No entrelaçar das mãos
Empoderamento, transparência
criatividade e organização...

3 Nossa maior vontade
É que ninguém fique de fora
Pois é no fazer coletivo
Que a confiança se aflora...

4 Para o dragão bancário
O que importa são as taxas, juros e chamada especulação
Bolsa de valores é um sistema de exclusão
Enquanto poucos se divertem
O povo vai ficando sem respiração...

5 Seguimos na contramão
Nos contrapondo a feroz financeirização
Nossas finanças solidárias é uma combinação
De sabedoria popular, bem viver
agroecologia, trabalho, cultura e tradição.

O que é Fundo?



O Fundo Rotativo Solidário é como uma poupança comunitária gerida coletivamente. Essa poupança é formada por meio da doação voluntária de recursos por cada membro participante do fundo ou ainda pode ser constituída a partir de ações e recursos externos destinados à comunidade.

Algumas experiências como casas de sementes, criação de pequenos animais e mutirão podem ser considerados como fundos rotativos solidários não monetarizados, ou seja, que não envolvem a circulação de dinheiro como parte central. Consideram-se os recursos que as comunidades possuem.

Também há fundos rotativos solidários onde as comunidades administram recursos financeiros que tem por objetivo atender grupos produtivos, com o intuito de ampliar a produção, beneficiar a comercialização ou indivíduos, em caso de necessidades pessoais como remédios, compra de bens, pagamento de dívidas etc.

No meio urbano, há algumas experiências do cotidiano como o caixa que consiste na organização de uma poupança coletiva onde os participantes destinam parte de recurso financeiro ao longo de um tempo e em um momento após sorteio, recebe montante correspondente ao número de participantes.

Outra experiência bastante conhecida é o mutirão para a construção de casas populares, onde em alguns bairros populares a comunidade se organiza para reforma ou construção de casas e ao final ocorre a famosa feijoada, preparada pela beneficiária, como forma de recompensa a ação coletiva da comunidade. Fundos financeiros para aquisição de itens de produção também são comuns na realidade dos grupos produtivos do meio urbano.



Como Funciona?



As comunidades organizam formas próprias de gestão dos recursos por meio de carnês, normas internas de controle. No entanto, sem as relações de circunvizinhanças, a efetividade dos fundos rotativos solidários pode não ocorrer. Cada grupo constrói suas regras próprias que foram estabelecidas de forma coletiva. Em geral, os passos para implementação estão listados abaixo:

- a) Reuniões de mobilização, sensibilização e construção do funcionamento do fundo;
- b) Realização de assembleia de criação do FRS - nesse momento será registrada em ata a constituição da poupança comunitária além de outros aspectos da gestão do fundo solidário;
- c) Ata e assinatura de livre adesão das famílias;
- d) Construção do Regimento Interno de funcionamento, construído coletivamente;

Constará: o que é o Fundo Rotativo Solidário da comunidade, para que foi organizado, quem pode participar, de onde vêm os recursos, quem serão os beneficiários das ações, quais são as regras de acesso aos recursos, formas de contribuição, periodicidade das reuniões, participação, entrada de novas pessoas, saída entre outros aspectos;

- e) Construção de um sistema de contribuição - definição da forma de contribuição: se em dinheiro, serviços, produtos ou na combinação de todos estes. “O mistério dos fundos está na contribuição comunitária, pois, se não houver reposição de onde se tira, o fundo pode acabar” (depoimento de Seu Vicente em Cordel do Fundo Solidário: Gerando riquezas e saberes. ASA- PB);
- f) Comissão (comitê, grupo, coletivo etc) de gestão - visando garantir maior transparência e confiança na administração dos recursos comunitários;
- g) Comunicar a constituição dos FRS às organizações parcerias/ financiadoras.

Alguns passos de procedimentos operacionais que serão anexados estão descritos, conforme abaixo:

- a) Reuniões avaliativas - grupo define periodicidade;
- b) Registros das reuniões em ata;
- c) Termo de adesão de novos membros;
- d) Sistema de contribuição;
- e) Contabilidade- registro de entrada e saída de recursos;
- f) Planejamento das ações.

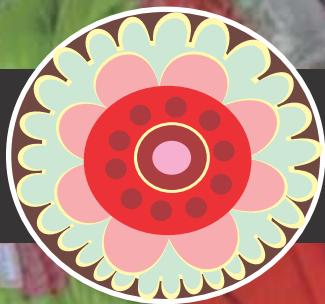
Nas próximas páginas, você conhecerá algumas experiências de FRS fortalecidas pelo nosso regional nos Estados da Bahia e Sergipe.

Experiências de Fundos Rotativos...





Tecendo histórias...



Elas pintam, bordam, tecem e reciclam. Das mãos das Estrelícias saem bolsas, cestos, toalhas bordadas, almofadas, panos pintados, vassouras e artesanatos produzidos com materiais recicláveis. O grupo, composto por trabalhadoras rurais do Povoado de Nova Estância (Estância/ Sergipe), iniciou suas atividades em 2002 e se formalizou em Fevereiro de 2012.

“As crianças queriam aprender a fazer cestos e eu só ensinava se as mães viessem”, explica Dona Cecília. “As mulheres começaram a ir aprender o artesanato com nossa mãe Estrelícia, conhecida como Dona Cecília, e começamos a mostrar nossa arte na própria comunidade, nas feirinhas e nos eventos das cooperativas”, conta Adriana, participante do Grupo Estrelícias.

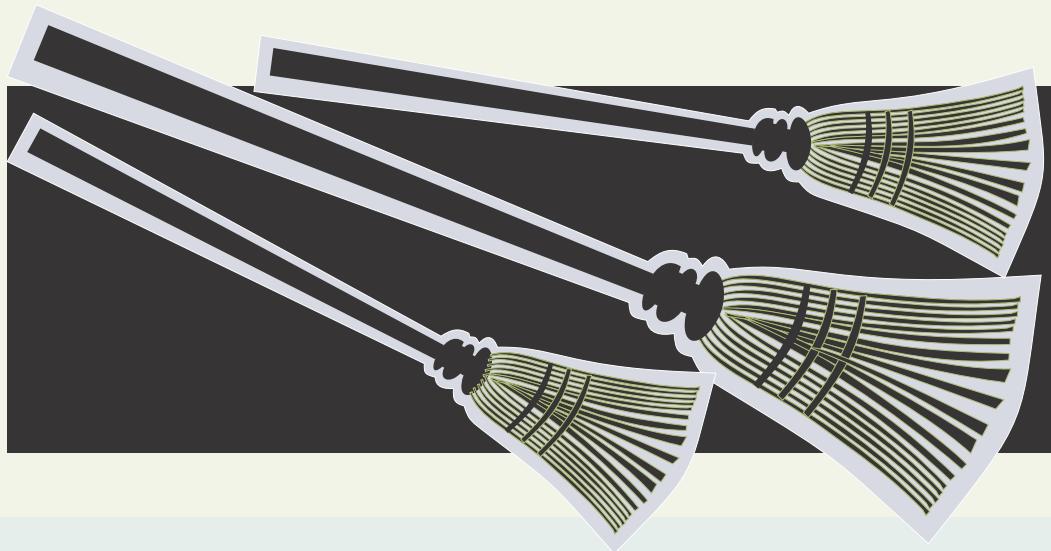
A primeira compra de maquinário e material do grupo, no valor de R\$ 400,00, foi realizada por meio do Fundo Rotativo Solidário, a partir do projeto desenvolvido em parceria da Cáritas Diocesana de Estância e Cáritas Regional Nordeste 3 com recursos do Banco do Nordeste. “Antes do prazo estipulado a gente já conseguiu devolver o valor para que outro grupo pudesse ter a mesma oportunidade”, diz Adriana.



O fortalecimento das artesãs refletiu em todo povoado. “A gente conseguiu levantar muita coisa em nossa comunidade e na nossa vida. Nós rearticulamos a associação, erguemos a Capela Bom Jesus da Lapa, conhecemos gente de outros países e fomos a outros estados, outras cidades com o nosso artesanato. Isso veio mudando a cabeça dos nossos maridos, daqueles que achavam que não ia pra frente, que lugar de mulher é na cozinha e tem que lavar, passar, cozinhar e dar carinho. A mulher também se tornou um braço direito dentro da casa e passou a ter voz, atitude”, afirma Adriana.

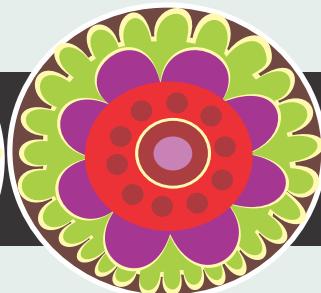
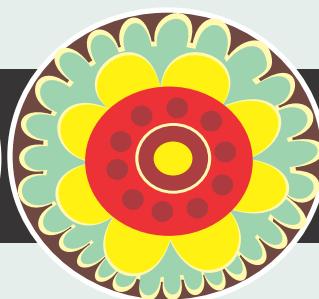
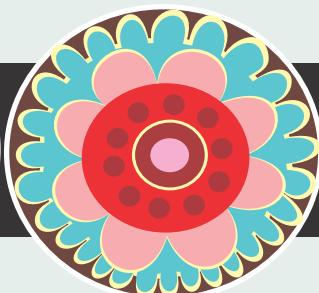
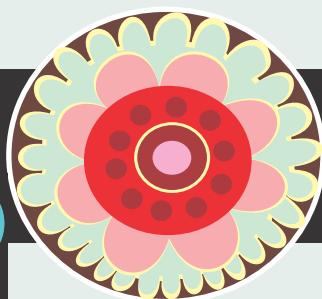
Por meio da associação, o grupo também realiza bazares para levantar recursos para as demandas comunitárias, além de terem seu próprio fundo. “Cada uma de nós contribui com a caixinha, são cinco reais por mês. Vamos guardando e esse fundo nos ajuda muito. Nós usamos pra comprar materiais e ir nos eventos, nas feiras, mas já teve gente do grupo que precisou por conta de saúde e nós emprestamos sem juros”, explica Edilene Sobrinho.

Para Edilene ainda existem alguns desafios pelo caminho, como a dificuldade de escoamento da produção, mas as Estrelícias seguem “pintando e bordando”, como afirma. “Hoje a gente tem nome, tem lugar, é visto, é reconhecido”. Recentemente, o Grupo Estrelícias foi contemplado com recursos de R\$ 10.000,00, por meio do Projeto Fortalecimento da Economia Solidária no Brasil, sendo este desenvolvido pela Cáritas Brasileira em parceria com a União Europeia.





Sementes da Vida...

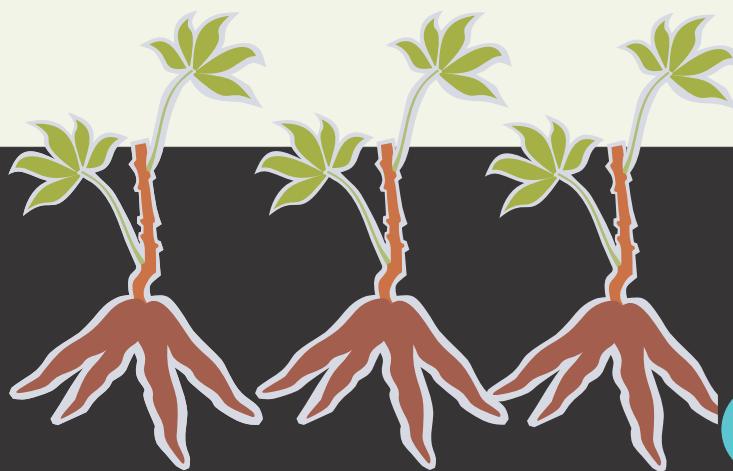


“As famílias da nossa comunidade ainda mantêm o hábito de trocar sementes. Vem de antigamente, dos meus avós, é uma tradição local das pessoas fazerem isso”, explica o agricultor e guardião da Casa de Sementes, Adilton Carlos.

Morador da comunidade Grotão, na cidade de Utinga (BA), Adilton faz parte das 660 famílias de 11 municípios baianos que foram contempladas pelo projeto Sementes do Semiárido, entre os anos de 2015 e 2016. O objetivo dessas casas é de guardar as sementes crioulas, ou seja, aquelas sem agrotóxicos, cultivadas e colhidas no povoado, permitindo que elas tenham durabilidade de germinação e estejam disponíveis caso alguém precise.

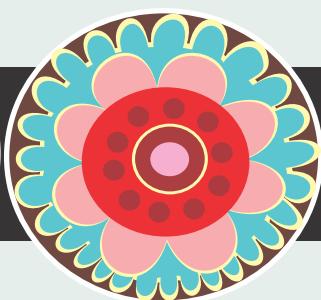
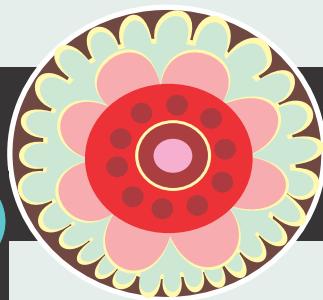
O Fundo Rotativo Solidário permitiu a construção de espaço físico e apoiou os já existentes. Em Grotão, as 40 famílias trocam sementes de milho, feijão, mandioca, e usam instrumentos como carnês, registros e regimento interno para organizar a gestão da casa de sementes. As famílias produzem para consumo próprio e comercializam o excedente da produção na feira municipal toda segunda-feira.

Os laços de solidariedade e a caminhada pelo fortalecimento da comunidade ganha novos capítulos. Adilton partilha que está em processo de organização de um grupo produtivo com agricultores de outras comunidades para ampliação da troca de sementes e autoajuda no processo de comercialização, principalmente a partir das vendas da produção em feiras agroecológicas no município.





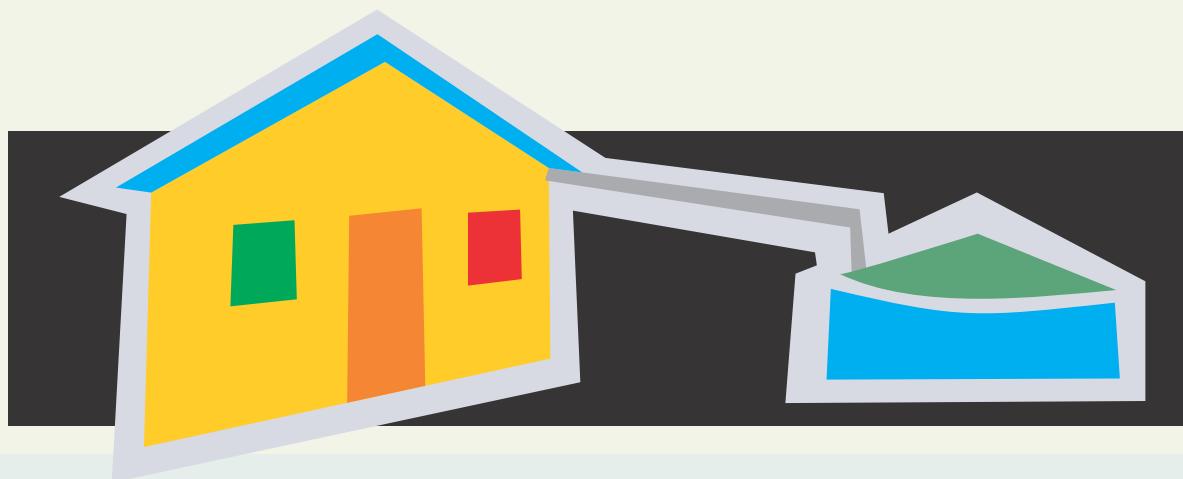
Autogestão
tem sabor de fruta...



"Uma das alternativas encontradas para enfrentar o desperdício das frutas da estação, na Bahia, foi a produção de polpa. Apoiados pelo projeto **ÁGUA PARA VIVER: USO SUSTENTÁVEL DA ÁGUA NO SEMIÁRIDO**, cinco grupos produtivos experimentam a gestão de FRS em suas comunidades. O projeto é executado pela **Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3** e a **Cáritas Diocesana de Ruy Barbosa**, em parceria com a **Cáritas Brasileira Secretariado Nacional** e a **Cáritas Alemã**, com suporte financeiro da **Mercedes Benz**."

A primeira das cinco histórias é contada pela própria personagem. Valmirete da Silva é uma das protagonistas do grupo KM4 e faz parte das 120 famílias dos municípios que compõem o território da Diocese de Ruy Barbosa, na Bahia, que por meio do projeto estão vivenciando princípios da agroecologia e convivência com semiárido.

“Eu nasci no Povoado Massaranduba, uma comunidade na zona rural do município de Baixa Grande. A principal fonte de renda das pessoas da minha comunidade é a agricultura e o principal desafio é a falta de água. Moro no Nordeste, no semiárido, onde tem mais seca do que chuva e ainda existe dificuldade em guardar a água para os tempos de estiagem. A reserva de água que tem na comunidade veio do projeto de convivência com semiárido onde quase todas as famílias foram contempladas com uma cisterna de 16 mil litros para o consumo, mas nem todos tem acesso aos tanques para produção e sem água não há produção.



Na cultura da minha comunidade, dançamos quadrilha na festa de São João, tem futebol, rezas nas casas, os carurus (comida típica) e é tradição que uma família ajude a outra, com os mutirões. Eu tive um exemplo muito lindo dentro da minha associação, onde surgiu um grupo de temperos e estamos construindo um local que eles utilizarão para suas atividades. Foi todo de mutirão, a comunidade abraçou.

Eu participo da associação de mulheres, hoje nós temos 26 mulheres sócias e dentro dessa associação existem dois grupos: o grupo de temperos e o de polpa de frutas. Estou no grupo de polpas com mais sete mulheres que trabalham nessa produção, mas não deixo de ajudar o outro grupo. A associação é municipal e incluímos todas as mulheres do município, contanto que sejam da agricultura familiar e que tenham base da economia solidária.

A associação surgiu com um movimento do dia internacional da mulher. Muitas mulheres estavam com a autoestima baixa, inclusive eu era uma delas, então se formou um grupo e sentimos a necessidade de gerar renda para nos tornarmos mulheres mais empoderadas. Através do projeto aconteceram capacitações e o grupo se identificou com a produção de polpas, pois havia muito desperdício de frutas na comunidade.



No princípio, não tinha nenhum fundo de reserva nem dinheiro para poder comprar os frutos para produção das polpas e várias mulheres que tinham acerola, cajá, manga, goiaba, maracujá e outras frutas colhiam e doavam para o grupo. Hoje, a gente já não faz mais esse processo de receber doação, fazemos questão de comprar das mulheres que doaram as frutas no início e dos produtores da região.

Com a instalação das cisternas de produção, pequenos produtores - mesmo não tendo uma roça de maracujá ou acerola - têm cinco, seis pés que são irrigados com essa água e ajudam no sustento. Tenho exemplo de muitas famílias que melhoraram muito de vida depois do projeto por ter onde trazer os seus produtos. Assim que colhem uma ou duas caixas de frutas, telefonam pra gente pegar. Isso gera renda para família.

Quando chega a fruta a primeira coisa que se faz é a seleção para retirar o que está estragado ou verde. Depois acontece a primeira lavagem para tirar a sujeira e os frutos são colocados no cloro para esterilizar e é feito o enxague, onde as frutas ficam prontas para passar pela despulpadora. Já trituradas, as frutas são colocadas em sacos e seguem para o freezer, que é o armazenamento e o congelamento.





O Projeto da Cáritas é muito bom, eu aprendi muito. É um projeto que entende muito a minha linguagem e dá a oportunidade de me expressar. Quando retorno das formações fico empolgada para colocar o conhecimento em prática. Os jovens da escola agrícola compartilham o que sabem com a gente e também aprendem conosco. Aprendi coisas importantes sobre o plantio de frutas, armazenamento da água, elaboração do diagnóstico da entidade e estratégias para melhorar a produção. Os intercâmbios, as experiências, as pessoas, as dificuldades passadas, tudo isso foi um aprendizado enorme para mim.

Quero colocar as coisas aprendidas em prática para o bem da minha comunidade. O que me motiva a dar continuidade a essa caminhada é ver o projeto dando certo.”

*“Quero colocar
as coisas
aprendidas em
prática para o
bem da minha
comunidade”*

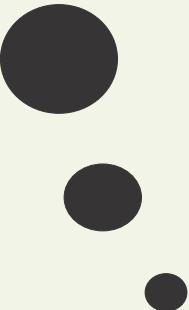


Pé de Serra...

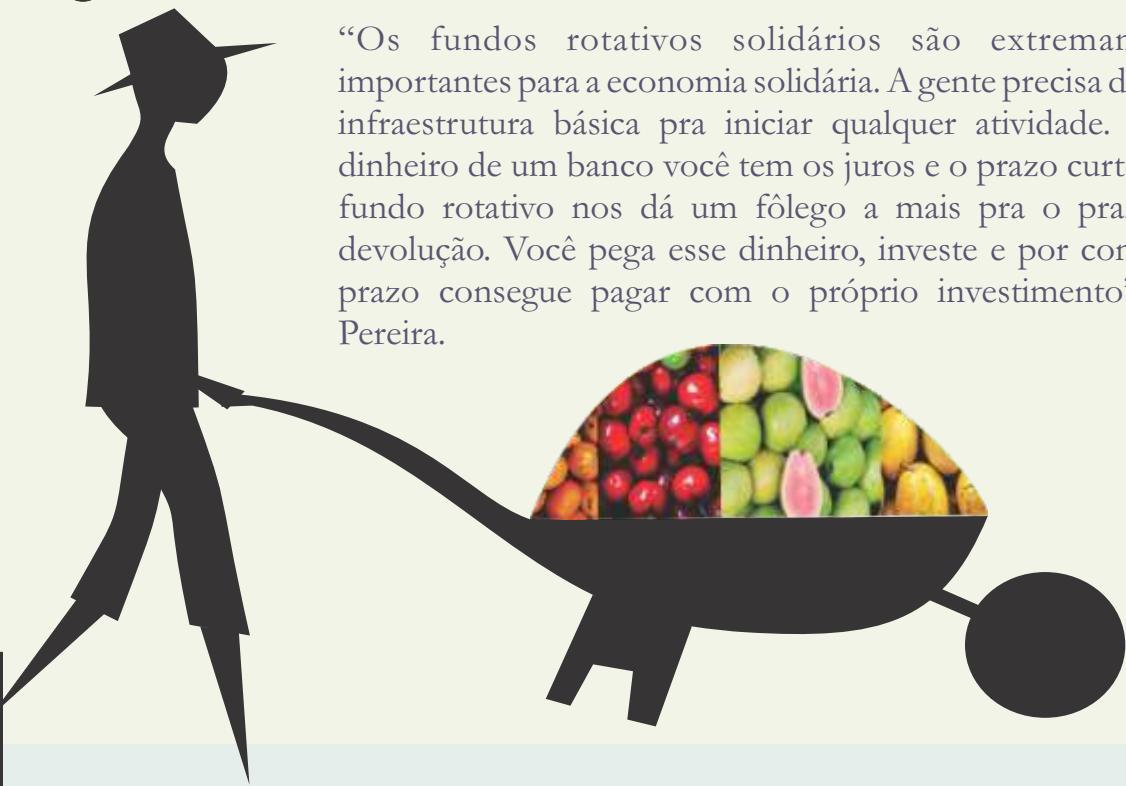




“Poucas pessoas acreditam, acham que é pouco, mas quando junta o quintal de todo mundo é muito. A gente tem aqui de 30 a 50 toneladas de frutas por ano. Fruta com qualidade, sem agrotóxico e sem a agilidade do agronegócio de produzir, produzir e deixar a qualidade de lado”, afirma Célio Pereira, que ao lado de mais sete pessoas produz as polpas Pé de Serra.



Quem hoje prova dos sucos de acerola, manga, caju, cajá, maracujá, não sabem dos sabores de uma caminhada iniciada há 12 anos. Em 2006, no início do grupo, todo material era alugado e com um empréstimo de 10.000,00 (dez mil reais) foi conquistado o primeiro freezer.



“Os fundos rotativos solidários são extremamente importantes para a economia solidária. A gente precisa de uma infraestrutura básica pra iniciar qualquer atividade. Pegar dinheiro de um banco você tem os juros e o prazo curto, já o fundo rotativo nos dá um fôlego a mais pra o prazo da devolução. Você pega esse dinheiro, investe e por conta do prazo consegue pagar com o próprio investimento”, diz Pereira.

“Os laços de solidariedade entre os grupos são relatos constantes em todas as prosas...”

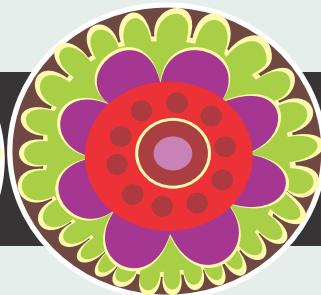
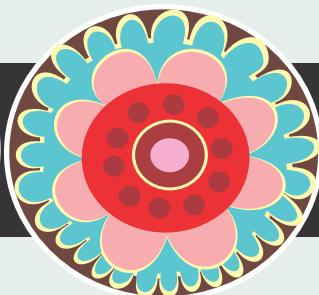
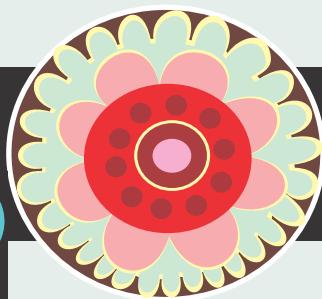
“Hoje nós temos nosso próprio material, graças ao fundo. Conseguimos despulpadora, liquidificador e seladora, que era emprestada. Emprestamos uma das nossas despulpadoras para um outro grupo beneficiado com o fundo rotativo da Cáritas. Eles estão usando o recurso para reforma de espaço”, explica Célio. O grupo também é apoiado pelo projeto Água pra Viver: Uso Sustentável do Semiárido.

Os laços de solidariedade entre os grupos são relatos constantes em todas as prosas sobre a economia solidária e os fundos rotativos. Célio também destaca o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Diocese de Ruy Barbosa e da Escola Agrícola para o fortalecimento do grupo. Hoje parte da produção é vendida fora da cidade e as polpas estão na merenda escolar.





Flores...



Flores - Segue uma história de pé do ouvido. Vocês se lembram que o grupo Pé da Serra emprestou uma despoldadeira? Foi para o Grupo Flores, de quem vocês conhecem a história nas próximas linhas. “E não foi só a despoldadeira. Uma vez nós tínhamos uma encomenda pra ser entregue e as polpas tinham acabado. Ligamos pra Célio e ele entregou o que faltava. Sempre que precisamos ele nos ajuda, não existe competição”, conta Benilda.

Foi conhecendo outras realidades em intercâmbios de experiências de Economia Solidária e em outros espaços de incidência política que moradores da comunidade de Flores, localizada em Ruy Barbosa (BA), se reconheceram enquanto remanescente de Quilombo. “Nós fomos da invisibilidade ao reconhecimento. A gente começou a aceitar a nossa origem, nossa cor, como a gente é, buscando o protagonismo da nossa comunidade”.

*“Nós fomos da invisibilidade
ao reconhecimento...”*



Foram dois anos até o reconhecimento oficial como primeira comunidade quilombola do Território de Identidade do Piemonte do Paraguaçu, em Fevereiro de 2016. Um período que exigiu a união e a persistência da comunidade. Persistência, que por sinal é a marca registrada desse grupo. “ Uma vez no período entre safra a gente tava sem fruta, mas precisávamos produzir. A gente colocou calça, bota chapéu e andamos mais de 6km. Passamos a manhã inteira no mato procurando maracujá e alcançamos a meta”, comentam.

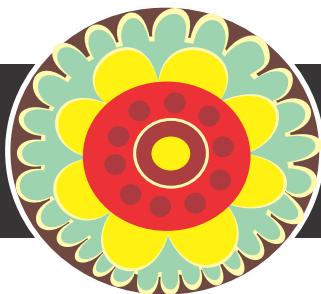
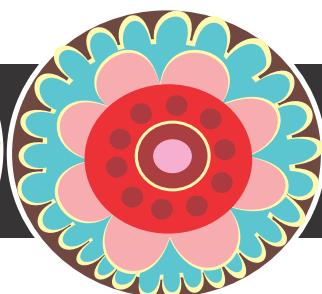
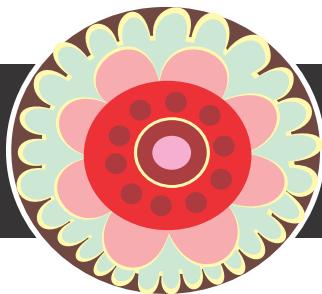
Assim como boa parte dos grupos, a maior parte das polpas são destinadas a merenda escolar e as frutas são compradas na própria comunidade. Com a reforma do espaço, viabilizada pelo fundo, o grupo se adequou às normas exigidas para produção e planeja expandir sua comercialização.

“União e persistência são marcas registradas desse grupo”





Frutas de Fibra...



"Valorizo e sei do compromisso e da importância que esse grupo tem para mim", conta, emocionada, uma das onze mulheres do Grupo de Mulheres. A iniciativa, apoiada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Serrinha (SINTRAF - Serrinha), é composta por moradoras de comunidades rurais de Serrinha (BA), como Tanque Grande, Porteiras, Mombaça, Sucupira, Alto Alegre e Cumuranga. Nas partilhas de histórias, destaca-se o papel do grupo na autonomia, independência financeira e no reconhecimento e rompimento de vivências de opressão e violência doméstica.

O grupo iniciou seus trabalhos em 2010, com 21 mulheres, contempladas com um kit de produção com uma despulpadora para caroços pequenos. "Nos unimos pela necessidade das mulheres de ter o produto e não ter como vender", explica Marivalda Silva.

"Nas partilhas de histórias, destaca-se o papel do grupo na autonomia, independência financeira e no reconhecimento e rompimento de vivências de opressão e violência doméstica".



Hoje todas são cooperadas e se destacam pela presença em espaços de incidência política, em sindicatos, atuando na secretaria de mulheres e articulações comunitárias. A produção é desenvolvida em um espaço cedido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Serrinha (SINTRAF) e que atualmente passa por reforma, fruto do Fundo Rotativo Solidário, que também viabilizou a compra de equipamentos. “O Fundo vai permitir mais autonomia pro grupo, vamos conseguir nos estruturar melhor para produzir”, afirma Roseli. O grupo produtivo foi assessorado pela Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3 por meio do projeto Empreendimentos Solidários para Mulheres Rurais do Semiárido apoiado pela Manos Unidas.

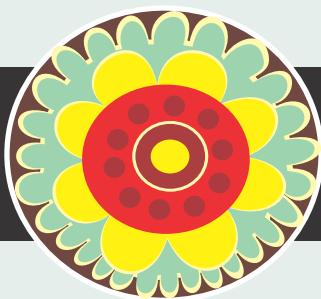
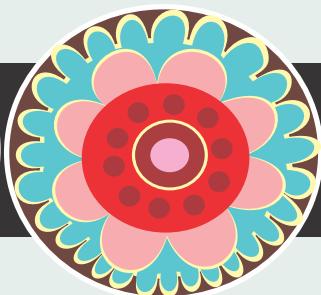
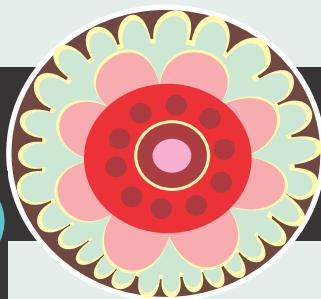
Cada integrante traz frutas dos seus quintais, de vizinhos e pequenos agricultores rurais, dividem-se em dois grupos e o trabalho é iniciado. A maior parte da produção é destinada a merenda escolar e as solicitações da Cooperativa de Produção e Comercialização dos Produtos da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Serrinha (COOPAF - Serrinha). “O principal desafio hoje é procurar mercado e ter pé pra agregar mais mulheres”, diz Maria Zilda.

Assim como as Estrelícias, o grupo também possui um fundo rotativo próprio, batizado de “caixa reserva”, que usam para custear as demandas financeiras.





A união faz a força...

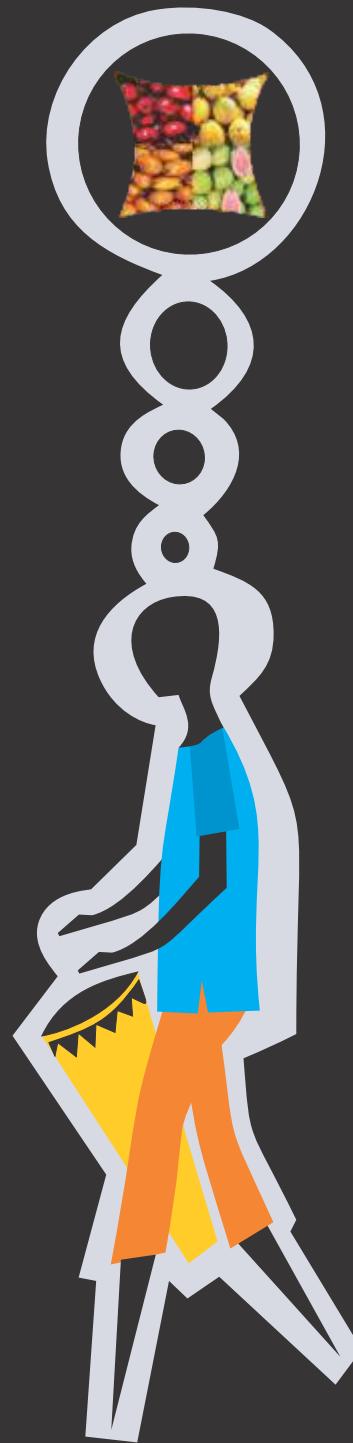


“ As roças estavam todas perdidas, ai combinamos cada semana ajudar um. Toda segunda feira, faz o grupo e vai limpar ou plantar na roça de alguém. Em uma semana é a de Marli, na outra a minha e assim vai seguindo. Toda segunda feira tá certo, não pode fazer nenhum compromisso”, explica Ivonete, presidente da Associação dos Agricultores Rurais do Sítio do Meio e Adjacências (AARSMA).

Foi através da prática do mutirão que oito mulheres deram início, em 2013, a Associação dos Agricultores Rurais do Sítio do Meio e Adjacências (AARSMA). A associação, que se destaca por ser a primeira da comunidade rural da Jacutinga, localizada em Elísio Medrado (BA), trabalha com produção de polpa.

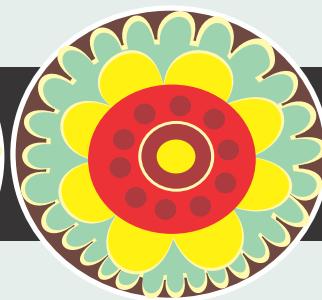
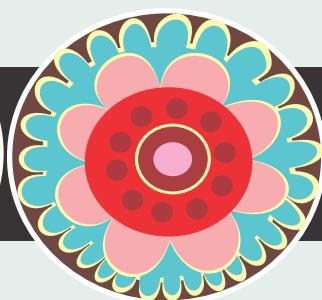
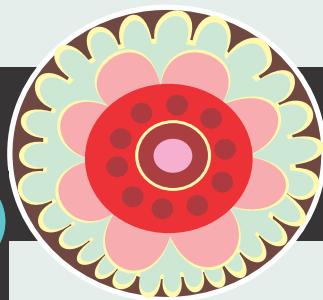
A matéria prima está nos próprios quintais dos associados. O resultado é visto no aumento de renda das famílias e no produto de qualidade servido na merenda escolar do município. Com o FRS conseguiram a melhoria da produção e vislumbram ampliar o mercado. “ A juventude da associação tá interessada em novas formações de doces , compotas, iogurte natural e geleia”, conclui.

Esse grupo produtivo foi assessorado pela Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3 por meio do projeto Empreendimentos Solidários para Mulheres Rurais do Semiárido apoiado pela Manos Unidas.





UNIÃO DAS ARTESÃS DO NORDESTE DE AMARALINA (UANÁ): Um diálogo da Economia dos Setores Populares e Economia Solidária...



Rute, Itania, Margarete, Gilmaria, Iraci, Maria Lisboa, Claudia e tantas mulheres guerreiras, negras, urbanas que vêm vivenciando a labuta das artesãs baianas no cotidiano da luta pelo reconhecimento da sua arte e gerando oportunidades de complementação de renda em um bairro popular marcado pelo forte traço cultural e pela segregação do espaço urbano. Nesse ambiente, surge a União das Artesãs do Nordeste de Amaralina - UANÁ que vem agregando artesãs do Nordeste de Amaralina. “Surgiu a ideia em um diálogo na casa de Rute e, a partir do Programa Vida Melhor Urbano, nos juntamos e começamos a convidar outras mulheres”, afirma Itania Neri.

Com as ações do Vida Melhor Urbano, executado na Unidade de Inclusão Socioprodutiva (UNIS), gerido pelo Movimento de Cultura Popular do Subúrbio (MCPS), o grupo se encontrava toda a semana. Também planejava e participava de atividades formativas e exposição em feiras e espaços fixos de comercialização. Ainda na dinâmica do Vida Melhor “teve processo de formação em fundos rotativos solidários. Usamos [recursos do fundo] para as necessidades da produção, conserto ou manutenção das máquinas de costura”, aponta Rute. O MCPS foi um grupo assessorado pelo Projeto Fundos Solidários em Rede, executado pela Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3, com apoio da Cáritas Brasileira e da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), entre os anos de 2014 e 2016. Houve assessoramento aos técnicos e gestores das UNIS que atuavam nos bairros de Nordeste de Amaralina e Subúrbio Ferroviário, na periferia de Salvador, que permitiu adensamento da metodologia de fundos rotativos solidários para pequenos grupos comunitários fortemente vinculados aos segmentos de artesanato e cozinha comunitária.



As participantes do UANÁ produzem de forma individual, compram mercadorias e comercializam conjuntamente. Esta é uma característica muito comum dos empreendimentos de economia solidária que atuam com artesanato e costura no meio urbano. O fator trabalho é dividido com outras tarefas, como o cuidar da casa, o lazer e outras atividades econômicas complementares. Por isso, o consideramos como o ponto de encontro da economia dos setores populares e economia solidária onde na cadeia de produção há uma junção da produção individual e simples de mercadorias e comercialização conjunta.

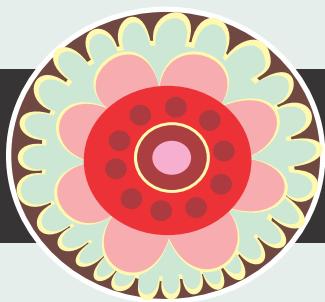
A comercialização do grupo se dá, segundo Rute, no “boca a boca” ou “carregando as sacolas para cima e para baixo”. O UANÁ também já expôs seus produtos no espaço de comercialização do Centro Público de Economia Solidária (CESOL), no Shopping Salvador. “Os artesãos ficavam na loja e comercializavam os produtos expostos”, afirma Rute.

A expectativa do grupo é de continuar crescendo e absorvendo outros artesãos do Nordeste de Amaralina. “Lá é um polo produtor onde cada um(a) produz por conta própria. No entanto, precisamos escoar nossa produção”, menciona Itania Neri. O grupo informa que não possuem acesso a política de fomento ao artesanato e que, atualmente, está na expectativa do lançamento das ações do projeto de Governo que ligue o artesanato com o turismo religioso de base católica para poder ampliar possibilidades de acesso ao mercado.





MULHERES ORGANIZADAS: Um desejo, nossa ação!



Agroecologia, Feminismo, Economia Popular Solidária e Convivência com Semiárido juntos na valorização do território e dos sujeitos que constroem modelos de desenvolvimento comunitário, equitativo e adaptados à realidade local. As protagonistas dessa história são mulheres de luta e fibra que estão inseridas na Rede de Mulheres do Jacuípe. Esta Rede foi fomentada pelo Instituto de Permacultura da Bahia - IPB, por meio do projeto Mulheres Organizadas: Um Desejo, Nossa Ação!, financiado pela Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE) do Governo do Estado da Bahia. Estes grupos possuem um público diversificado de mulheres na faixa etária de 16 a 62 anos, abrangendo aproximadamente 120 agricultoras familiares.

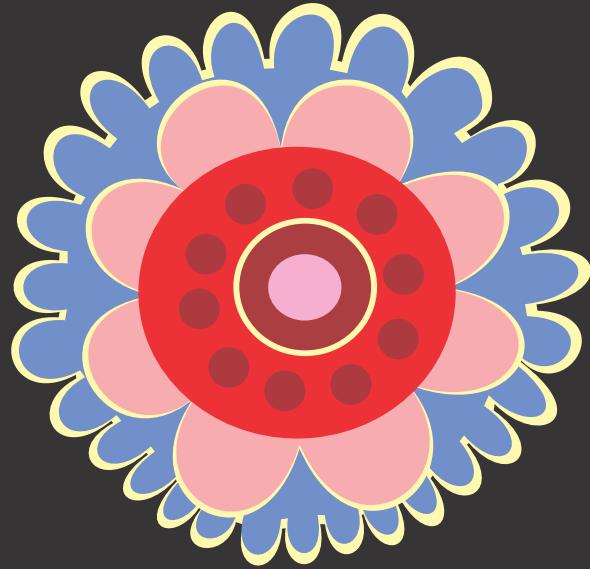
“O projeto nos ajudou a ser mais organizadas, a valorizar mais os produtos da agricultura familiar”, explica a agricultora familiar Edenilza Araujo. Pensado como uma proposta para o fortalecimento do desenvolvimento territorial sustentável e pautado na valorização de Redes Solidárias e na garantia de direitos das Mulheres do Semiárido, o projeto apoia os grupos produtivos de agricultoras familiares dos municípios de Quixabeira e Várzea da Roça, no Território de Identidade Bacia do Jacuípe.



A valorização dos produtos da agricultura familiar, principalmente de base agroecológica, o fortalecimento dos grupos produtivos, por meio da Economia Popular Solidária, e o reconhecimento das mulheres são os eixos centrais da Rede. A possibilidade do diálogo entre gerações é um aspecto fundamental da Economia Popular Solidária e da Agroecologia. “É importante a gente passar esse conhecimento que a gente tem do suco de frutas, das polpas. A gente passa para nossos filhos porque quando a gente não tiver mais, eles estão em nosso lugar para trabalhar junto com a gente ou tocar as coisas”, conta Jacioneide do Carmo, agricultora familiar.

As ações desenvolvidas têm a intenção de permitir a reflexão das mulheres sobre sua realidade a partir de suas especificidades, fortalecendo a identidade e união do grupo, reforçando o comprometimento com as comunidades e organizações sociais e com a construção e fortalecimento de modelos de desenvolvimento sustentáveis, equitativos e adaptados à realidade local. Para o fortalecimento da Rede foram realizadas “oficinas de formação, intercâmbios para que as mulheres pudessem se conhecer e conhecer as experiências umas das outras, além de visitar experiências externas aos municípios onde atuam”, relata Joilma Reis Rios, antiga Coordenadora do Projeto.

Recentemente, a Rede de Mulheres do Jacuípe foi contemplado com recursos de R\$ 30.000,00 oriundos do Projeto Fortalecimento da Economia Solidária no Brasil, sendo este desenvolvido pela Cáritas Brasileira em parceria com a União Europeia e assessorado, em âmbito Regional, pela Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3. O projeto objetiva ajudar na consolidação da Rede de Mulheres do Jacuípe proporcionando-lhe conhecimentos que venham a aumentar a formação e informação na busca do fortalecimento dos grupos de economia solidária que a compõem, bem como estruturar as tendas de comercialização solidárias, já existentes nos municípios, e disseminar a proposta da Rede para outras cidades do Território de Identidade Bacia do Jacuípe. Além disso, pretende fomentar o fundo rotativo da Rede de Mulheres do Jacuípe, dando condições para fortalecer outros grupos de mulheres vinculados à rede, partindo do percentual da venda de produtos gerados nos processos de comercialização nas tendas solidárias.



Anexos



FRS NE 3 - Fundo Rotativo Solidário da Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3

DOCUMENTO NORTEADOR

O **Fundo Rotativo Solidário da Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3 – FRS NE 3** tem o objetivo de gerar o fortalecimento de grupos produtivos que utilizam os princípios da economia popular solidária a fim de auxiliar com uma melhor gestão, produção e comercialização de seus produtos, através do resgate de práticas coletivas de administração de recursos financeiros que contribuam para o desenvolvimento e para a melhoria das condições de vida das famílias participantes.

O **FRS NE 3** tem como área de abrangência os estados da Bahia e Sergipe, podendo, num prazo indeterminado, atender grupos produtivos assessorados pela Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3.

O Funcionamento:

O grupo produtivo beneficiado pelo **FRS do NE 3** deverá criar uma comissão composta por um(a) coordenador(a), um(a) secretário(a) e um(a) tesoureiro(a), eleitos em assembleia geral para acompanhar a sua gestão.

Parágrafo Primeiro – Os(as) integrantes da comissão podem ser pessoas que já assumam cargos na diretoria da associação (quando esta existir) e ou grupo familiar, de modo a não ampliar a carga de responsabilidade já existente.

Para o bom andamento do processo de gestão/administração do **FRS do NE 3** serão realizadas reuniões ordinárias, quando serão feitas as prestações de contas dos recursos, bem como serão debatidas e definidas as prioridades de aplicação dos recursos, a partir das demandas apresentadas e das orientações aprovadas em assembleia geral, instância deliberativa de gestão do grupo produtivo.

Parágrafo Único – Havendo necessidade, serão convocadas reuniões extraordinárias para deliberar sobre assuntos de extrema urgência.

Parágrafo Segundo – Em caso de abertura de conta, a mesma será movimentada pela assinatura do(a) coordenador(a) e do(a) tesoureiro(a), ou, havendo impossibilidades destes(as), pela assinatura de outros(as) integrantes do Fundo Rotativo Solidário expressamente autorizados(as).

Parágrafo Terceiro – A gestão dos recursos financeiros deverá constar uma especificação para que fique claro que não se tratam de recursos pertencentes à associação e ou grupo familiar, mas ao **FRS do NE 3**, de modo a ficar evidente que a decisão quanto ao seu uso depende de seus participantes.

Parágrafo Quarto - O recurso **FRS do NE 3** poderá ser utilizado para ações com aquisição de equipamentos ou bens, adequação de espaço físico, capital de giro, assessoria técnica e outros a serem definidos pelos seus participantes.

A tolerância para o início das reuniões do **FRS do NE 3** será de trinta (30) dias após a aceitação do **termo de compromisso solidário** para que seja construído o **regimento interno** e seu **plano de ação**.

O Regimento interno deverá ser construído e aprovado com todos os participantes, em assembleia e deverá constar os seguintes itens:

1. Carência;
2. Prazo de devolução;
3. Valor da parcela a ser devolvida;
4. Cronograma de pagamento das parcelas;
5. Reuniões periódicas
6. O Plano de Ação;

O Plano de ação deverá ser elaborado pelos participantes a fim de definir as ações prioritárias a serem desenvolvidas com o recurso do **FRS do NE 3**.

Valor repassado e percentual de devolução:

O valor a ser repassado será de XXXXX (XXX). O percentual de devolução seguirá o indicativo para cada cadeia produtiva conforme tabela abaixo:

Atividade produtiva	Carência	Forma de pagamento	Prazo de pagamento	Percentual de devolução*
Hortaliças	12 meses	Trimestral	Até 8 parcelas	60% do valor total
Suínos	18 meses	Semestral	Até 8 parcelas	80% do valor total
Caprinos/Ovinos	18 meses	Semestral	Até 8 parcelas	80% do valor total
Aves	12 meses para corte ou 6 meses para postura	Trimestral	Até 8 parcelas	80% do valor total

Apicultura	24 meses	Anual	Até 4 parcelas	80% do valor total
Artesanato /costura	12 meses	Trimestral	Até 4 parcelas	60% do valor total
Beneficiamento de fruta	12 meses	Semestral	Até 8 parcelas	60% do valor total
Produção de alimentos	12 meses	Trimestral	Até 8 parcelas	60% do valor total
Sementes	12 meses	Imediato	Imediato	100% do valor total
Produção de arte/cultura	12 meses	Trimestral	Até 8 parcelas	70% do valor total

*Se a devolução for realizada em produtos/serviços, o valor deve ser equivalente ao percentual devolvido, seguindo a forma e o prazo de pagamento. A devolução do recurso deverá ser realizada através da conta bancária específica indicada no termo de compromisso solidário.

Da competência da comissão gestora e seus respectivos integrantes:

Cabe à comissão gestora do **FRS do NE 3** receber e fazer a gestão dos recursos financeiros que entram no **FRS do NE 3**, de forma transparente e participativa, assim como monitorar as propostas e diretrizes orientadoras para o bom uso dos recursos a serem submetidas e aprovadas pela assembleia geral.

Ao coordenador/a compete:

- I. Convocar e coordenar as reuniões sobre a gestão do **FRS do NE 3**;
- II. Assinar com o(a) tesoureiro(a) a movimentação financeira;
- III. Conjuntamente com os(as) demais integrantes da comissão gestora, elaborar propostas e diretrizes orientadoras para o bom uso dos recursos a serem submetidas e aprovadas pelos participantes;
- IV. Zelar pelo cumprimento do Regimento Interno.

Ao secretário/a compete:

- I. Secretariar as reuniões de gestão do **FRS do NE 3**, lavrando as respectivas atas;
- II. Elaborar com os(as) demais integrantes da comissão gestora a pauta das reuniões com os participantes;
- III. Assinar, quando necessário, as correspondências e convites conjuntamente com o(a) coordenador(a);
- IV. Organizar o arquivo do **FRS do NE 3**, mantendo em boa guarda todos os documentos (atas, cartas, convites e ofícios expedidos e recebidos);

- V. Sistematizar o funcionamento do **FRS do NE 3** para dar visibilidade aos resultados alcançados pelo mesmo e socializar com a Cáritas Regional e Arqui/Diocesana;
- VI. Conjuntamente com os(as) demais integrantes da comissão gestora, elaborar propostas e diretrizes orientadoras para o bom uso dos recursos a serem submetidas e aprovadas pelos participantes.

Ao tesoureiro/a compete:

- I. Registrar os recursos financeiros ingressados no **FRS do NE 3**;
- II. Organizar demonstrativos de prestação de contas anual que possam dar transparência ao uso dos recursos do **FRS do NE 3** a serem submetidos aos participantes;
- III. Assinar com o(a) coordenador(a) a movimentação financeira, contábil e bancária, quando esta última existir;
- IV. Propor iniciativas que possam promover a sustentabilidade da experiência do Fundo Rotativo Solidário;
- V. Conjuntamente com os(as) demais integrantes da comissão gestora, elaborar propostas e diretrizes orientadoras para o bom uso dos recursos a serem submetidas e aprovadas pelos participantes.

_____/_____/_____

Cáritas Regional

Cáritas Diocesana

Grupo / Associação

FRS NE 3 - Fundo Rotativo Solidário da Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3

TERMO DE COMPROMISSO SOLIDÁRIO FUNDO ROTATIVO SOLIDÁRIO DA CÁRITAS BRASILEIRA REGIONAL NORDESTE 3 - FRS NE 3.

A Cáritas Brasileira – Regional Nordeste 3, (CNPJ), situada na Rua Emília Couto, 270 Bairro: Brotas, Salvador Bahia e a Associação/Grupo Produtivo/Cooperativa/Grupo Familiar (CNPJ ou IDCADSOL) endereço... Celebram este termo a fim de iniciar a implementação do Fundo Rotativo Solidário da Cáritas Brasileira Regional Nordeste 3 - FRS NE 3 no valor de R\$= 00.000,00, (Por Extenso).

Todas as informações necessárias para acessar ao FRS NE 3 serão registradas no Regimento interno a partir das orientações contidas no “Documento Norteador” e nas decisões deliberadas coletivamente com seus participantes em reuniões marcadas para este fim.

Salvador, _____ de _____ de _____

Representante da Associação/grupo/cooperativa

Representante da Cáritas Regional Nordeste 3

Testemunho 01

Testemunha 02

FRS NE 3 - Fundo Rotativo Solidário da Caritas Brasileira Regional Nordeste 3

REGIMENTO INTERNO

Grupo: _____

Município: _____

Arqui/Diocese: _____

COMISSÃO GESTORA:

1- Coordenador/a

Nome: _____

CPF: _____

Carteira de Identidade: _____

Endereço: _____

2- Secretário/a

Nome: _____

CPF: _____

Carteira de Identidade: _____

Endereço: _____

3- Tesoureiro/a

Nome: _____

CPF: _____

Carteira de Identidade: _____

Endereço: _____

ACORDOS ESTABELECIDOS

4- Tipo de Cadeia Produtiva:

5- Carência:

6- Prazo de devolução:

7- Valor da parcela a ser devolvida:

8- Cronograma de pagamento das parcelas:

9- O plano de ação:

Atividade	Prazo	Responsável

Representante da Associação/grupo/cooperativa

Representante da Cáritas Regional Nordeste 3



Realização:



30 ANOS

Apoio:



Caritas
Alemanha

